

VOLUMEN 12 NÚMERO 1

JUNIO 2021

REVISTA DE PSICOLOGÍA
GEPU

ISSN-2145-6569

www.revistadepsicologiagepu.es.tl
Grupo Estudiantil y Profesional de
Psicología Universidad del Valle
Santiago de Cali, Colombia





REVISTA DE PSICOLOGÍA GEPU

Vol. 12 No. 1 – Junio de 2021

ISSN 2145-6569

Editor

Andrey Velásquez Fernández

andrey.velasquez@correounivalle.edu.co



COMITE EDITORIAL

Cindy Carolina Valencia
Corporación Viviendo

Laura Daniela de los Ríos
Universidad Javeriana Cali

Nicole Andrea Pérez
Universidad del Valle

María Alejandra Claros
Universidad del Valle

Dangelly Muñoz
Universidad del Valle

Diego Alejandro López González
Fundación Católica Lumen Gentium

Natalia Ramírez Moncada
Universidad del Valle

Diana Mildred Rodríguez
Universidad del Valle

Helena Rojas Garzón
Fundación Paz y Bien

Kanelalejandra Frieri
Universidad del Valle

CONSULTORES NACIONALES

Leonel Valencia Legarda
Universidad San Buenaventura

Jorge Alexander Daza
Universidad Católica de Pereira

Andrés de Bedout Hoyos
Universidad San Buenaventura

Ximena Ortega Delgado
Universidad Mariana

Daniel Hurtado Cano
Universidad Manuela Beltrán

CONSULTORES INTERNACIONALES

Marcela Alejandra Parra
Universidad Autónoma de Barcelona

Blanca Hurtado Caceda
Universidad Alas Peruanas

María Amparo Miranda Salazar
Universidad del Valle de México

Adriana Savio Corvino
Universidad de la República

Hilda Janett Caquias
Escuela de Medicina de Ponce

COORDINADORES DE DISTRIBUCION

Margarita Ojeda
Asociación Paraguaya de Neuropsicología

Mario Rosero Ordoñez
Universidad Mariana

Nora Couso
Área de Medición Educativa Provincia del
Chubut de Argentina

Pablo Antonio Vásquez
Corporación para la Intervención Neuropsicopedagógica
y la Salud Mental

INDEXACIONES



AUSPICIADORES



La Revista de Psicología GEPU es publicada por el Grupo Estudiantil y Profesional de Psicología Univalle, 5 piso, Edificio D8, Ciudadela Universitaria Meléndez, Universidad del Valle, Santiago de Cali, Colombia. Los artículos son responsabilidad de sus autores y no reflejan necesariamente la opinión del Grupo Estudiantil y Profesional de Psicología Univalle. Hecho en Colombia - Sudamérica.

IBSN

Revista de Psicología GEPU Vol. 12 No. 1 by Grupo Estudiantil y Profesional de Psicología Univalle is licensed under a Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-SinObraDerivada 3.0 Unported License. Creado a partir de la obra en <http://revistadepsicologiagepu.es.tl/Vol.-12-No.-1.htm>



PERSPETIVA PARENTAL DOS COMPORTAMENTOS ONLINE EM JOVENS EM TEMPOS DE PANDEMIA POR COVID-19: UM PROJETO GERAÇÃO CORDÃO

Ivone Patrão, Bárbara Enes-Pinheiro, Mariana Machado, Patrícia Ferreira & Sofia Paiva Cabral

Geração Cordão, Applied Psychology Research Center Capabilities & Inclusion, APAV / Portugal

Referencia Recomendada: Patrão, I., Enes-Pinheiro, B., Machado, M., Ferreira, P. & Paiva Cabral, S. (2021). Perspetiva parental dos comportamentos online em jovens em tempos de pandemia por covid-19. *Revista de Psicologia GEPU*, 12 (1), 81-92.

Resumo: São cada vez mais os utilizadores de internet em todo o mundo e a pandemia por COVID-19 veio aumentar a disponibilidade para se estar online, quer para trabalhar, quer para lazer. Atualmente as tecnologias são um dos recursos mais recorrentes dos pais para o entretenimento dos filhos, o que expõe as crianças e jovens cada vez mais cedo e mais tempo aos ecrãs e, consequentemente a riscos para o seu desenvolvimento. Objetivo: Avaliar a perceção parental sobre os comportamentos e dependência das tecnologias em jovens dos 12 aos 18 anos, no período de confinamento devido à pandemia por COVID-19. Método: Estudo exploratório com base num protocolo online, no qual foram avaliadas variáveis: sociodemográficas, académicas, profissionais, do comportamento online (do próprio e dos filhos) e psicológicas. Participaram 335 pais com uma idade média de 42 anos (DP= 8,78) e com filhos entre os 12 e os 18 anos. Resultados: Existem 8.4% dos pais que considera que há uma dependência online num nível moderado, uma vez que os comportamentos online dos filhos têm consequências que afetam não só os próprios, como a família, durante a 1ª fase do confinamento social. E há uma associação entre a dependência online e do smartphone, de acordo com a perceção dos pais. A idade (pais mais velhos) e as alterações no funcionamento familiar são fatores associados a maior dificuldade sentida em criar estratégias de supervisão e orientação dos comportamentos dos filhos relacionados com a internet. Neste contexto há um fator protetor, uma vez que grande parte dos pais sente que aumentou as suas competências digitais. Conclusão: É cada vez mais importante ajudar as famílias a construir estratégias que permitam o controlo do uso excessivo e de comportamentos de risco online, capacitando-as a desenvolver estratégias mais eficazes de supervisão.

Palavras chave: Internet, Tecnologias, Supervisão Parental, Comportamento Online, Pandemia por COVID-19.

Abstract: There are more and more internet users around the world and the COVID-19 pandemic has increased the availability to be online, both for work and leisure. Nowadays, technologies are one of the most recurrent resources of parents for their children's entertainment, which exposes children and young people to screens earlier and longer and consequently to risks for their development. Objective: To evaluate the parental perception of behaviors and dependence on technologies in young people from 12 to 18 years of age, in the period of confinement due to the COVID-19 pandemic. Method: Exploratory study based on an online protocol, in which sociodemographic, academic, professional, online behavior (of one's own and children's) and psychological variables were evaluated. There were 335 parents with an average age of 42 years (SD= 8.78) and children between 12 and 18 years. Results: There are 8.4% of parents who consider that there is an online dependence at a moderate level, since the online behaviors of their children have consequences that affect not only themselves but the family during the first phase of social confinement. And there is an association between online and smartphone dependence, according to the parents' perception. Age (older parents) and changes in family functioning are factors associated with greater difficulty in creating strategies for supervision and guidance of children's behavior related to the internet. In this context, there is a protective factor, since most parents feel that they have increased their digital skills. Conclusion: It is increasingly important to help families build strategies to control excessive use and risk behaviors online, enabling them to develop more effective supervision strategies.

Key Words: Internet, technologies, parental supervision, online behavior, pandemic by COVID-19.

Recibido: 9 de Febrero de 2021 / **Aprobado:** 30 de Junio de 2021

Correo eletrônico de contacto: fneymatos@ismt.pt

Ivone Patrão. ISPA-Instituto Universitário, Lisboa, Portugal; Geração Cordão, Lisboa, Portugal, APPsyCI - Applied Psychology Research Center Capabilities & Inclusion, Lisboa, Portugal. / **Bárbara Enes-Pinheiro.** ISPA-Instituto Universitário, Lisboa, Portugal; Geração Cordão, Lisboa, Portugal / **Mariana Machado.** Geração Cordão, Lisboa, Portugal. / **Patrícia Ferreira.** Geração Cordão, Lisboa, Portugal, APAV, Lisboa, Portugal. / **Sofia Paiva.** ISPA-Instituto Universitário, Lisboa, Portugal; Geração Cordão, Lisboa, Portugal.

Introdução

A *internet* é um recurso disponível para cada vez mais utilizadores (Patrão, Reis, Madeira, Paulino, Barandas, Sampaio, Moura, Gonçalves e Carmenates, 2016) e com a pandemia por COVID-19 a disponibilidade para estar online, quer para fins laborais, quer para entretenimento e passatempo, aumentou (Goldschmidt, 2020; Patrão, Reis, Madeira, Paulino, Barandas, Sampaio, Moura, Gonçalves e Carmenates, 2016), constatando-se que as tecnologias se tornaram ainda mais essenciais na vida de todos, sendo crescente a dependência das tecnologias (Goldschmidt, 2020).

A evolução constante das tecnologias leva ao seu uso e acesso cada vez mais precoce, incessante e frequente à *internet* (Moura, 2017). A literatura nesta área advoga que as crianças e jovens utilizam mais tecnologias que os adultos (Ponte, 2008). Ponte (2012) revela que as crianças portuguesas, no conjunto dos países europeus, são as que mais acedem a recursos digitais e, por seu turno revelam uma experiência tecnológica vastamente diferente das suas gerações passadas. Reconhece-se assim que as crianças e jovens de hoje em dia estão muito mais capacitadas a dominar as tecnologias em comparação muitas vezes com pais e professores que não conseguem acompanhar as inovações (Eisenstein & Estefenon, 2011). Apesar disto, as tecnologias são um dos recursos mais usados pelos pais para o entretenimento dos filhos (Vittrup, Snider, Rose & Rippey, 2016), o que expõe as crianças e jovens cada vez mais cedo e mais tempo aos ecrãs e, consequentemente a riscos para o seu desenvolvimento, que se agravam quando o acesso às tecnologias é realizado na ausência de supervisão parental, sobretudo nos mais novos (Patrão, 2019).

Os pais são fundamentais para a educação digital, mas muitas vezes não conhecem os limites a impor ou mesmo os riscos a que os filhos estão expostos na *internet* nem dominam as próprias tecnologias (Patrão & Fernandes, 2019). Neste sentido, é importante capacitar os pais, uma vez que, para se usufruir de todas as potencialidades do mundo online é crucial que se conheça as suas funcionalidades e ter domínio sobre as mesmas (Moura, 2017).

A mediação parental face às tecnologias, tem sido então reconhecida como fundamental tanto para a promoção de competências, literacia e autocontrolo (Mascheroni, Murru, Aristodemou & Laouris, 2013; Vittrup et al., 2016). Ainda assim, Torres-Trindade e Moamann (2016), realizaram um estudo com crianças e jovens dos 8 aos 16 anos e com os seus pais e perceberam que na maior parte dos casos os pais desconhecem o que os seus filhos fazem online. Também no estudo de Correa, et al. (2016), se percebe que apesar de os pais considerarem as tecnologias um recurso diário disponível aos seus filhos e que requer algum controlo da sua parte, nem sempre têm acesso ao conteúdo acedido pelos mesmos. Estudos interculturais constatarem mesmo que os pais portugueses são os que mais desconhecem os comportamentos online dos seus filhos (Ponte & Vieira, 2008).

Vários estudos indicam que a supervisão parental face ao comportamento online dos filhos é diminuta e que os próprios usam a *internet* diariamente e de forma excessiva (Patrão, 2016; Patrão et al., 2016; Patrão, Machado, Fernandes, & Leal, 2015). Há autores que apontam que esta mediação diminui ao longo desenvolvimento dos

jovens (Wang, Bianchi & Raley, 2005). As principais crenças associadas a esta diminuição da supervisão parental são a conquista de maturidade emocional e de que a responsabilidade em assumir as consequências dos comportamentos está cimentada (Wang, Bianchi & Raley, 2005).

Na perspetiva dos pais os filhos mais novos estão expostos a mais riscos online, porém, o que se sabe é que são os mais velhos que exploram mais o mundo online e por consequência estão mais expostos aos riscos da *internet* (Ponte & Vieira, 2008).

Segundo dados do estudo Net Children Go Mobile (Simões, Ponte, Ferreira, Doretto & Azevedo, 2014) o ambiente onde mais se acede à *internet* é a habitação e as crianças mais novas são as que têm um acesso mais precoce às tecnologias e por conseguinte à *internet*. O mais preocupante é o facto de muitas vezes a *internet* possibilitar o distanciamento familiar dentro do próprio lar (Patrão & Fernandes, 2019). Neste sentido, equilibrar o tempo em família e o tempo online, e a consequente mediação parental é um bom ponto de partida para evitar a dependência online (Şenormancı, Şenormancı, Güçlü, & Konkan, 2014).

A comunicação e as relações são áreas fortemente afetadas pela crescente proximidade às tecnologias por parte dos mais jovens (Nowland, Necka, & Cacioppo, 2017), por isso mesmo, para colmatar as desvantagens ao nível dos relacionamentos familiares é fundamental ainda, aproveitar o conhecimento dos mais jovens para aumentar os conhecimentos dos pais, permitindo o reconhecimento da importância da tecnologia, mas também das relações familiares (Patrão & Marinho, 2018).

Apesar da dualidade mundo virtual - mundo real, o estímulo virtual supera a realidade, dominados pelo fascínio e pela facilidade, os jovens são aliciados pelo digital que lhes proporciona a falsa sensação de uma autonomia conseguida (Eisenstein & Estefenon, 2011). O brincar é preferencialmente substituído pelos *smartphones*, computadores, tablets (Silva, Bortolozzi & Milani, 2019). Dados de Silva, Bortolozzi e Milani (2019), indicam que a maioria dos pares tecnológicos usados pelas crianças pertencem aos pais, sendo a que maioritariamente as crianças recorrem às tecnologias como passatempo (Radesky & Christakis, 2016). O *smartphone* foi considerado o aparelho tecnológico de preferência (Silva, Bortolozzi & Milani, 2019), sendo as atividades mais frequentes o jogar e assistir a vídeos multimédia (Dias e Brito, 2017; Silva, Bortolozzi & Milani, 2019).

Na literatura encontra-se alguma controvérsia face ao uso de tecnologias por parte de crianças (Burke e Marsh, 2013; Vandewater et al., 2007). Há autores que assumem como mais danoso a impossibilidade de usufruir das tecnologias do que o acesso às mesmas (Ponte & Vieira, 2008). São as crianças e os jovens da população que acedem de forma mais excessiva à *internet* e que, por consequência, estão mais expostos ao risco de desenvolverem dependências online (Patrão, 2019). De referir que, são inúmeras as consequências do uso excessivo das tecnologias, quer para os estilos de vida, os comportamentos, as relações interpessoais, a autonomia e até mesmo para a saúde de crianças e jovens (Eisenstein & Estefenon, 2011; Patrão, 2017).

É neste sentido que se torna tão importante avaliar a perceção parental da dependência online e do *smartphone* em jovens dos 12 aos 18 anos, no período do

1º confinamento social, devido à pandemia por COVID-19.

Metodologia

Tipo de estudo

Delineou-se um estudo exploratório, observacional e descritivo com base num protocolo online numa amostra independente, de forma a compreender o uso da *internet* em crianças e jovens portugueses com idades compreendidas entre os 3 e os 18 anos, durante a pandemia por COVID-19. Assim, procurou-se explorar a perspetiva dos pais em relação à utilização da *internet* e de dispositivos por parte dos seus filhos.

Participantes

A amostra é composta por 355 pais com filhos entre os 12 e os 18 anos (78,5% do sexo feminino e 21,5% do sexo masculino). A caracterização dos participantes é apresentada na Tabela 1.

Tabela 1. Caracterização da amostra

	Frequência (n)	Percentagem (%)	Média (Desvio-padrão)
Sexo			
Mulheres	277	78,5%	
Homens	78	21,5%	
Idade			42 (DP= 8,78)
Zona de residência			
Meio urbano	236	70,4%	
Lisboa	209	62,4%	
Escolaridade			
Habilitação superior	188	56,1%	
Situação profissional			
Ativo	144	43%	
Ativo em Teletrabalho	134	40%	
Inativo	57	17%	
Estado relacional			
Relação amorosa e vive com o cônjuge	287	85,7%	
Número de filhos			
1 filho	103	30,7%	
2 filhos	178	53,1%	

Material

Foi elaborado um questionário online de autopreenchimento, especificamente adaptado para aplicação durante a fase da pandemia, com base num protocolo online do projeto Geração Cordão, previamente aprovado pela Comissão de Ética do ISPA – Instituto Universitário e pela DGESTE (Direção-Geral dos Estabelecimentos

Escolares), em que foram solicitados os seguintes dados: 1) Dados sociodemográficos: idade, sexo, escolaridade, situação profissional, estado relacional, zona e distrito de residência, agregado familiar nomeadamente, número de filhos, idade do filho mais novo ou do único filho, sexo do filho mais novo ou do único filho, idade do filho mais velho e sexo do filho mais velho; 2) Perceção do estilo parental por parte dos pais; 3) Dados relativos ao acesso e uso da *internet* por parte dos pais na fase de pandemia; 4) Avaliação do bem-estar psicológico, com uma escala de Likert de 10 pontos (1 - extremamente mau) a (10 - extremamente bom); 5) Avaliação do estilo parental dos pais face à *internet* (*IPSI – Internet Parenting Style Instrument*); 6) Avaliação da perceção sobre o funcionamento familiar (*FAD - 12 Family Assessment Device*); 7) Dados relativos ao acesso e uso da *internet* por parte do filho mais velho (3-18 anos) antes da pandemia; 8) Dados relativos à relação do filho com a *internet* durante a pandemia; 9) Avaliação dos comportamentos do filho em relação ao uso da *internet* durante a fase de pandemia (*PCIAT – Parent-Child Internet Addiction Test*); 10) Avaliação da perceção dos pais face ao uso do *smartphone* por parte do seu filho (*SAS – V – Social Anxiety Scale*).

Procedimento

Inicialmente foram consultadas as bases de dados PubMed, PsycINFO e Web of Science utilizando-se as palavras-chave: Internet, Tecnologias, Supervisão Parental, Comportamento Online e Pandemia por COVID-19. Assim, elaborou-se um questionário online, com o objetivo de compreender a perceção dos pais face à utilização da *internet* e dispositivos por parte dos seus filhos, numa amostra da população portuguesa. A recolha dos dados foi efetuada através do questionário online. Foi tido em conta o cumprimento dos princípios éticos e deontológicos como o anonimato e confidencialidade dos dados e a participação voluntária no estudo de cada participante, com o seu consentimento informado no início do formulário.

Foram então recolhidos os dados e procedeu-se à análise descritiva e inferencial dos mesmos através do software SPSS Statistics. Elaborou-se o cálculo de médias, percentagens e desvios-padrão, bem como a realização dos testes estatísticos adequados.

Foram realizados vários testes de correlações para avaliar: a idade dos pais e o controlo parental, nomeadamente a supervisão dos comportamentos dos filhos face à *internet*; a idade dos pais e a perceção da funcionalidade do funcionamento familiar; a idade dos pais face à sua observação na dependência dos filhos com o *smartphone*; o número e a idade dos filhos face à supervisão dos pais face aos comportamentos com a *internet*; a perceção do controlo dos pais sobre os filhos juntamente com o funcionamento familiar.

Resultados

Comportamentos Online dos Pais

Relativamente ao acesso e uso do mundo online por parte dos pais (Tabela 2), conclui-se que a maioria desta amostra tem *smartphone* (64%). Os pais (75%) afirmaram que usam o telemóvel entre 1 a 20 vezes por dia para enviar SMS, ligar, acesso a redes sociais, a jogos e aplicações; e que o tempo diário que passam online

tanto ao fim-de-semana para lazer está no intervalo entre os 30 minutos e as 2 horas, sendo que desse tempo, aquele que é passado a socializar é entre 30 minutos a 60 minutos. Destaca-se o tempo online que é passado a trabalhar, que vai de 2 a mais de 8 horas por dia. Uma pequena percentagem dos pais (15%) afirmou utilizar a *internet* para jogar. Contudo, em 99% dos casos não fazem apostas a dinheiro.

No que respeita às refeições, 98% refere que são feitas em família e que durante esse período não usam dispositivos móveis (90%). E mesmo fora das refeições principais, 76% dos pais não fazem *snacks* enquanto estão no computador ou telemóvel.

43% usa dispositivos eletrónicos (televisão, tablet, telemóvel) imediatamente antes de dormir.

No que concerne ao aumento das competências digitais, 48% sente que isso aconteceu, 46% aderiu a novas plataformas ou redes sociais, e 26% refere que partilha conteúdo dos filhos online.

No que toca à relação com as pessoas, questionou-se os pais com que frequência não prestam atenção ou ignoram uma pessoa, durante uma conversa por estarem a utilizar o telemóvel (*phubbing*). Contudo, a maioria responde que isso não acontece (77%). O mesmo não acontece quando se questiona se já se sentiu ignorado por alguém. Apontam como sendo situações que acontecem por vezes (46%).

Tabela 2 - Dados dos comportamentos online dos Pais

Variáveis	Resposta	Percentage m
Smartphone	Sim	64%
Tempo Online – Fim-de-semana	Entre 30 min a 2 horas	78%
Tempo Online para socializar	Entre 30 a 60 minutos	83%
Tempo Online por lazer	Entre 30 min a 2 horas	72%
Tempo online para trabalho	2 a mais de 8 horas por dia	62%
VideoJogos	Sim, jogo	15%
Apostas a dinheiro	Não	99%
Refeições	Feitas em família	98%
Refeições	Sem smartphone	90%
<i>Snaks</i> Online	Não	76%
Uso antes de dormir	Sim	43%
Competências Digitais	Aumentaram	48%
Adesão a novas plataformas/redes sociais	Sim	46%
Partilha Conteúdo Filhos	Sim	26%
<i>Phubbing</i>	Por vezes	46%

Comportamento Online dos Filhos

Relativamente ao acesso e uso do mundo online por parte dos filhos (Tabela 3), conclui-se que a maioria dos filhos desta amostra tem *smartphone* (64%). Os pais (72%) afirmaram que o tempo diário que permitem que os filhos passem online, durante a semana, é entre 1 a 8 horas por dia, e ao fim-de-semana de 1 a 6 horas.

No que respeita às refeições, 89% refere que os filhos durante esse período não usam dispositivos móveis. E fora das refeições principais, 22% dos pais afirma que os filhos fazem *snacks* enquanto estão no computador ou telemóvel.

48% dos pais afirma que os filhos têm acesso a dispositivos eletrónicos (televisão, tablet, telemóvel) durante o período da noite e que 31% os usa imediatamente antes de dormir.

Tabela 3 - Dados dos comportamentos online dos filhos

Variáveis	Resposta	Percentage m
Smartphone	Sim	64,9%
Tempo online - Semana	1 a 8 horas por dia	72,8%
Tempo Online – Fim-de-semana	1 a 6 horas por dia	64,5%
Refeições	Sem smartphone	89,3%
Snacks Online	Sim	22,7%
Acesso durante a noite	Sim	48,7%
Uso antes de dormir	Sim	31,6%

Perceção dos Pais sobre o impacto da Escola Online

No que toca à escola, antes da pandemia, os pais indicam que a maioria dos filhos (44%) leva o *smartphone* para a escola, sendo que 31% refere que a política da escola é poderem utilizar antes do primeiro toque, nos corredores e no intervalo de almoço.

Relativamente à dimensão escolar neste tempo de pandemia, os pais indicam que a maioria dos seus filhos usufruiu de aulas online (96%), percecionando que existiu uma boa colaboração dos professores no esclarecimento de dúvidas ou dificuldades relativamente aos trabalhos que foram enviados online (90%). Contudo, quando questionados sobre o facto de sentirem os filhos mais motivados desde que têm aulas online, 36% respondeu que não.

Quando questionados se sentem os filhos mais irritados e ou mais tristes desde que têm aulas online, respetivamente 13% referem muitas vezes irritados e 5% todos os dias, e 8% muitas vezes tristes e 2% todos os dias.

Correlações – Variáveis sociodemográficas e psicossociais

Apresentam-se as correlações na Tabela 4 relativas à percepção da dependência das Tecnologias (PCIAT (internet) e SAVS (*smartphone*)), funcionamento familiar (FAD), supervisão parental (IPSI) e idades dos pais.

Tabela 4 – Correlações entre PCIAT, SAVS, IPSI e Idade

<i>Correlações</i>	Idade	FAD	SAVS
IPSI	- 0.283**	0.133*	---
FAD	- 0.141**	---	---
PCIAT	0.262**	---	0.502
SAVS	0.233**	---	1

*Correlação significa ao nível 0.05 **Correlação significativa ao nível 0.01

Existe uma correlação negativa e significativa entre a idade e a IPSI na dimensão controlo parental ($r=-0,283$), isto é, quanto mais velhos são os pais maior a dificuldade em criar estratégias de supervisão e orientação dos comportamentos relacionados com a *internet*.

Verificou-se uma correlação negativa e significativa entre a idade e a FAD funcionalidade ($r=-0,141$), ou seja, à medida que a idade dos pais aumenta a percepção de alterações no funcionamento familiar.

Existe uma correlação positiva e significativa entre a idade e a dependência do *smartphone* ($r=0,233$). Os pais mais velhos são aqueles que mais observam a dependência dos filhos em relação ao *smartphone*.

Verificamos também uma correlação positiva e significativa entre a IPSI controlo parental e a funcionalidade na família (FAD) ($r=0,133$). São os pais que têm maior controlo sobre os filhos, aqueles que têm a percepção de um melhor funcionamento familiar.

Existe uma correlação negativa e significativa entre a funcionalidade da família (FAD) e a PCIAT ($r=-0,284$). São os pais que têm uma elevada percepção de um melhor funcionamento familiar, aqueles que têm uma maior percepção da dependência dos filhos no uso da *internet*.

Discussão

Neste estudo exploratório pretendeu-se caracterizar a perspetiva parental em relação ao comportamento online dos filhos em tempos de pandemia por COVID-19.

Os dados mais relevantes deste estudo relacionam-se com a supervisão parental e o funcionamento familiar, enquanto variáveis relacionadas entre si, e relacionadas com

a percepção de dependência das tecnologias pelos filhos, tanto do mundo online, como do *smartphone*.

É sabido, em estudos anteriores, que a disfunção familiar em si é um fator associado à dependência online e/ou ao *smartphone*. No estudo de validação do Family Assessment Device (FAD) numa amostra de jovens portugueses chegou-se à conclusão que quanto mais funcional é o ambiente familiar, menor é a dependência online e/ou *smartphone* (Patrão, Pimenta, Água, & Leal, 2020).

Um fator que parece ser explicativo é a idade dos pais, uma vez que quanto mais velhos são os pais, maior é a dificuldade em criar estratégias de supervisão e orientação dos comportamentos online dos filhos. Esta dificuldade pode estar ligada a uma baixa literacia digital. A literatura define que são os pais infoexcluídos aqueles que poderão exercer um menor controlo e supervisão sobre o uso das tecnologias (Patrão, Machado & Brito, 20016).

Este estudo reporta também alguns dados descritivos que caracterizam os comportamentos online dos pais, que no fundo servem de modelos educacionais (Patrão, 2017). Verificou-se que a maior parte dos pais possui *smartphone* e fez durante o 1º confinamento social uma utilização diária do mesmo, para questões laborais e para questões de lazer, sem usar durante as refeições, contudo com um uso antes de ir dormir. O estudo Net Children Go Mobile, em 2014, chegou à conclusão de que 68% dos pais portugueses utilizavam *internet*. Em 2010 essa percentagem era de 60%. Esta escalada indica uma dinâmica de crescimento no uso do mundo online por parte das famílias portuguesas com crianças. As diferenças no contexto europeu continuam, contudo, a fazer-se sentir. Portugal está apenas à frente da Roménia (57%) no acesso por parte dos progenitores, enquanto nos outros países essa percentagem se situa acima dos 85% (Projeto Net Children Go Mobile, 2014).

Outro dado relevante no presente estudo, é o facto da maior parte dos pais indicar que os filhos têm *smartphone* e que em média passam entre 1 a 8 horas por dia online. De acordo com Kim et al. (2016) os jovens que fazem uma utilização excessiva da *internet* e do *smartphone* podem vir a desenvolver comportamentos inadequados em diversos contextos. Assim, é fundamental que exista uma gestão familiar do uso saudável da tecnologia. Independentemente de estarem ou não familiarizados com as tecnologias é elementar que os pais estabeleçam as balizas necessárias para o seu uso dentro e fora de casa (Patrão, Machado & Brito, 2016).

No presente estudo, os pais reportam estratégias positivas (a maioria dos jovens não usa dispositivos móveis às refeições) e negativas (grande parte dos jovens faz uma utilização de dispositivos eletrónicos imediatamente antes de dormir). Este último dado, em tempos de escola online ou offline poderá ser um indicador de alterações do comportamento na sala de aula (presencial ou online), devido à fraca higiene do sono.

Nas variáveis relacionadas com o contexto escolar em época de pandemia, a maior parte dos pais referem que não sentiram que os filhos estivessem mais motivados desde que têm aulas online, alguns até sentem que os filhos estão mais irritados e tristes, embora tenham sentido que sempre houve um bom acompanhamento por parte dos professores. Estes resultados podem estar relacionados com o

confinamento social e com o facto de sentirem falta de atividades ao ar livre e de estar com o grupo de pares. Importa realçar que não existem estudos anteriores que confirmem ou infirmem esta correlação.

Em consequência disto, os agentes educativos enfrentam atualmente novos desafios relacionados com a *internet* e com o mundo digital. A fim de cumprir o seu papel e promover a literacia digital, é essencial integrarem as tecnologias digitais nos processos de ensino e aprendizagem (EU KIDS, 2019).

Em estudos futuros será importante comparar as amostras de pais, filhos adolescentes, e professores, de forma a avaliar as perceções do comportamento online.

É cada vez mais importante atuar junto das crianças, jovens e dos pais, mas também com as famílias como um todo, ajudando-as a construir estratégias que permitam o controlo do uso excessivo e de comportamentos de risco online, capacitando-as a desenvolver estratégias mais eficazes de supervisão.

Referências

Correa, A. M. G., Pereira, A. D. A., Backes, D. S., de Lima Ferreira, C. L., Gomes, I. E. M., & Signor, E. (2016). Impacto das tecnologias: o olhar dos pais acerca do viver saudável da criança. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 6(1), 1915-1928. <https://doi.org/10.19175/recom.v0i0.903>

Dias, P., & Brito, R. (2017). *Crianças (0 aos 8 anos) e Tecnologias Digitais: que mudanças num ano?*. Lisboa: Centro de Estudo da Comunicação e Cultura. Recuperado em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/22498/1/Relat%c3%b3rio%20Final%20Crian%c3%a7as%20e%20Tecnologias%20Digitais%202017.pdf>

Eisenstein, E., & Estefenon, S. B. (2011). Geração digital: riscos das novas tecnologias para crianças e adolescentes. *Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto UERJ*, 10, 42-53.

Goldschmidt, K. (2020). The COVID-19 Pandemic: Technology use to Support the Wellbeing of Children. *Journal of Pediatric Nursing*, 53, 88–90. doi:10.1016/j.pedn.2020.04.013

Mascheroni, G., Murru, M.F., Aristodemou, E., & Laouris, Y. (2013). Parents. Mediation, selfregulation and co-regulation. In B. O'Neill, E. Staksrud, & S. McLaughlin (eds) *Towards a better internet for children? Policy pillars, players and paradoxes* (pp. 211-225). Göteborg: Nordicom.

Moura, A. (2017). Promoção da literacia digital através de dispositivos móveis: experiências pedagógicas no ensino profissional. *CECS-Publicações/eBooks*, 324-336.

Nowland, R., Necka, E., & Cacioppo, J. T. (2017). Loneliness and social internet use: Pathways to reconnection in a digital world? *Perspectives on Psychological Science*,

13, 70-87. doi: 10.1177/1745691617713052

Patrão, I. (2016). Comportamentos online em jovens portugueses: Estudo da relação entre o bem-estar e o uso da internet. In *Atas do 11º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde*, 341-346.

Patrão, I. Machado, M., & Brito, R. (2016). O funcionamento familiar, o bem-estar e o uso da internet. In I. Patrão & D. Sampaio (Eds.), *Dependências Online: O poder das tecnologias* (pp. 133-149). Lisboa: Pactor

Patrão, I. (2017). *#geracaocordao: A geração que não desliga*. Lisboa: Pactor.

Patrão, I. A. M., & Fernandes, P. A. (2019). Dependências online: estudo sobre a perceção da supervisão parental numa amostra de pais de crianças e jovens. In Monteiro, V., Mata, L., Martins, M., Morgado, J., Silva, J., Silva, A., & Gomes, M. (Orgs.). *Educar hoje: Diálogos entre psicologia, educação e currículo* (133-140). Lisboa: Edições ISPA.

Patrão, I. A. M., & Marinho, A. (2018). Adição à internet e intervenção familiar: experiência do núcleo utilização problemática internet. In *Actas do 12º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde*. Lisboa: ISPA – Instituto Universitário

Patrão, I., Machado, M., Fernandes, P., & Leal, I. (2015). Jovens e Internet: Relação entre o bem-estar, isolamento social e funcionamento familiar. In L. Mata, F. Peixoto, J. Morgado, J. Silva, & V. Monteiro (Orgs.), *Atas do 13º Congresso de Psicologia e Educação* (pp. 241-249). Lisboa: ISPA – Instituto Universitário.

Patrão, I., Reis, J., Paulino, S., Croca, M., Moura, B., Carmenates, S., Moura, B., Gonçalves, J. Sampaio, D. (2016). Avaliação e intervenção terapêutica na utilização problemática da internet (UPI) em jovens: Revisão da Literatura. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 7, 221-243. doi: hdl.handle.net/11067/3514.

Patrão, I., Pimenta, F., Água, J., & Leal, I. (2020). Validação do Family Assessment Device (FAD) numa amostra de jovens portugueses. In *Actas do 13º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde* (773-781). Covilhã: Faculdade de Ciência da Saúde da Universidade da Beira Interior.

Ponte, C. (Ed.). (2012). *Crianças e Internet em Portugal: Acessos, usos, riscos, mediações: Resultados do inquérito europeu, EU Kids Online*. Minerva: Coimbra.

Ponte, C., & Vieira, N. (2008). *Crianças e Internet, riscos e oportunidades um desafio para a agenda de pesquisa nacional*. In *Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação* 6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho). 2732-2741

Radesky, J. S.; Christakis, D. A. (2016). Implications for early childhood development and behavior. *Pediatric Clinics of North America*. 63(5), 827-239.

Şenormancı, Ö., Şenormancı, G., Güçlü, O., & Konkan, R. (2014). Attachment and family functioning in patients with Internet addiction. *General hospital psychiatry*, 36(2), 203-207.

Silva, E. R. T., Bortolozzi, F., & Milani, R. G. (2019). O brincar digital e o uso das tecnologias na saúde das crianças. *Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade*, 6(13), 125-138.

Simões, J. A., Ponte, C., Ferreira, E., Doretto, J., & Azevedo, C. (2014). Net Children Go Mobile. Crianças e Meios Digitais Móveis em Portugal: Resultados Nacionais do Projeto Net Children Go Mobile. *Lisboa, Portugal*.

SMAHEL, D., MACHACKOVA, H., MASCHERONI, G., DEDKOVA, L., STAKSRUD, E., ÓLAFSSON, K., LIVINGSTONE, S., and HASEBRINK, U. (2020). EU Kids Online 2020: Survey results from 19 countries. EU Kids Online. <https://doi.org/10.21953/lse.47fdeqj01ofo>

Terres-Trindade, M., & Mosmann, C. P. (2016). Conflitos familiares e práticas educativas parentais como preditores de dependência de internet. *Psico-USF*, 21(3), 623-633.

Vandewater, E. A.; Rideout, V. J.; Wartela, E. A.; Huang, X.; Lee, J. H.; Shim, M. (2007). Digital childhood: electronic media use among infants, toddlers, and preschoolers. *Pediatrics*, 119(5), 1006-1015.

Virttrup, B.; Snider, S.; Rose, K. K.; Rippy, J. (2014). Parental perceptions of the role of media and technology in their young children's lives. *Journal of Early Childhood Research*, 14(1), 44-54.